

CORPOREIDADE E O SAB(OR)ER SENSÍVEL: OUTROS OLHARES PARA A EDUCAÇÃO

CORPOREALITY AND THE SENSITIVE KNOW: OTHER PERSPECTIVES FOR EDUCATION

Fabricio Leomar Lima Bezerra

Resumo

Partindo da nossa experiência no meio acadêmico universitário buscamos agregar valores éticos, estéticos e sensíveis para outros contextos educacionais, vislumbrando uma Educação saborosa de saberes e sensivelmente sábia, transvalorando o que sabemos por ensinar e aprender e entendendo o corpo como sabedoria. Este é um trabalho de revisão bibliográfica com base principalmente nos estudos da corporeidade, esta nos fazendo trilhar caminhos que se encontram com os estudos do saber sensível para a Educação. Nosso objetivo é traçar uma proposta viva e encarnada de uma Educação pautada na comunicação dos sentidos, das vivências corporais do ser com ele mesmo, com o outro, com o mundo, criando novas possibilidades de aprendizagem, que enalteçam um olhar mais humano para o ser humano.

Palavras-chaves: Corpo. Corporeidade. Saber Sensível. Aprendizagem. Educação.

Abstract

From our experience in the university academics seek ethical, aesthetic and sensitive to other educational contexts values, envisioning a tasty Education and sensitively knowledge wise, that know what to teach and learn and understand the body sapience. This is a bibliographic review based mainly on studies of corporeality, doing the roads that are to studies of knowledge sensitive for Education. Our objective is to draw a living and incarnate proposed an education based in the communication of the senses, bodily experiences of being with himself, with others, with the world, creating new opportunities for learning, which a more human look to be human.

Keywords: Body. Corporeality. Sensitive Know. Learning. Education.

Falar de corporeidade e saber sensível parece o mesmo que mergulhar num rio que deságua no mar e nesse encontro entre a água doce e a água salgada se deliciar sem saber o sabor de cada uma delas. A esse encontro despontamos uma transformação intensa do ato educativo. Uma ressignificação de uma Educação engendrada nos moldes dicotômicos e perpassada pelo conhecimento cartesiano. Na Educação, mesmo que inconscientemente, nós somos levados a considerar os sujeitos apenas como seres que

“têm” corpos e não como seres que “são” corpos. Este modelo hegemônico carrega resquícios históricos da Idade Moderna ocidental.

Nós, professores(as) e estudantes pertencentes ao Núcleo de Pesquisas Corporeidade e Pedagogia do Movimento da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), do Laboratório de Estudos das Possibilidades de Ser da Universidade Federal do Ceará (UFC)¹ e estudiosos da relação entre o corpo e Educação temos como intuito em nossas pesquisas a busca por outros olhares diante do ato educativo de formação humana, olhares diversos para as múltiplas possibilidades de aprendizagem levando em consideração o saber sensível como perspectiva de vislumbrarmos um processo educativo do ser enquanto corpo (dançante, meditativo, esportivo, ginástico, etc.), do ser humano que aprende em sua plenitude, de corpo inteiro. "Uma educação que realce a afirmação de que o ser humano não aprende somente com sua inteligência, mas com seu corpo e suas vísceras, sua sensibilidade e sua imaginação" (MOREIRA et al., 2006, p.140). Este artigo tem o objetivo de enxergarmos uma Educação que agregue valores éticos, estéticos e sensíveis com o propósito de entrever um processo educativo que conheça saboreando e saborei conhecendo, num processo de ensino aprendizagem sensivelmente sábio, transvalorando o modelo tradicional de saber, em que o pensar, alojado na cabeça, detentor de todo o conhecimento está, usando a fotografia como metáfora, no foco do retrato e o corpo, por sua vez, aparece desfocado, não tornando nítida a sua participação no cenário do aprender.

Podemos inverter e superar o modelo que impera na nossa sociedade atual. É necessário que sejamos corpos que não padeçam mais dessa tradição que nega o corpo. Em busca de possibilitar uma desmecanização e valorizar a sensibilização dos corpos e sentidos na Educação propomos como princípio norteador o entendimento da corporeidade como um fenômeno a ser buscado em sua complexidade, não reduzindo-a, não simplificando-a. A corporeidade, enquanto um termo que revela muito mais que um conceito, significando uma atitude corporal unitária que busca vivenciar sua história (e nesta os sentidos de educação e aprendizagem) na busca de conhecer-se mais, de conhecer os outros e o mundo, carregando em si o desabrochar de um corpo vivo, orgânico, sistêmico, se diferenciando do conceito reducionista e dando ênfase à multiplicidade dos saberes corporais, constatando, dessa forma, a realidade do corpo como não linear. É preciso múltiplos olhares sobre o corpo, superando o modelo

¹ <http://lepserufc.wordpress.com/>

positivista de ciência e de Educação, o qual entendia o corpo como depositário de conhecimentos.

A Educação pautada na corporeidade propõe um ato educativo vinculado não apenas aos conhecimentos, mas aos sabores: uma Educação do sensível. Para Duarte Jr. (2010a, p.25) é preciso que retornemos nossas atenções à palavra grega *aisthesis*.

Aisthesis: em grego, a capacidade humana de sentir o mundo, de senti-lo organizadamente, conferindo à realidade uma ordem primordial, um sentido - há muito sentido naquilo que é sentido por nós. Em português, *aisthesis* tornou-se *estesia*, com o mesmo significado dado pelos gregos (sendo anestesia a sua negação, a incapacidade de sentir). E desse termo originou-se também a palavra *estética*, que, referindo-se hoje mais especificamente às questões artísticas, não deixa ainda de guardar o sentido geral de uma apreensão humana da harmonia e da beleza das coisas do mundo, que os nossos órgãos dos sentidos permitem.

Retornar à estesia significa se encantar com o momento vivo no corpo. Cada ser tem o seu momento, o qual nunca é igual ao outro. Essa possibilidade de sentir o mundo de diversas maneiras é um desafio que devemos enfrentar se pretendermos ser verdadeiramente humanos. Daí a necessidade de uma Educação corpórea que invista na convivência, na participação, nos encontros apesar de tantos desencontros como já nos dizia Vinicius de Moraes². Intentamos apresentar um diálogo vivo e encarnado da corporeidade com o saber sensível e que desta aproximação possa brotar novos cenários para o ato educativo.

O que é corporeidade? Tal pergunta é a provocação que fazemos. Nos inícios dos anos 90 do século passado Santin (2011) nos indagava sobre "Que corporeidade?" estamos falando quando usamos este termo, visto o ganho de popularidade de seu uso no meio acadêmico. Hoje, no ano catorze do século XXI, essa pergunta ainda nos faz refletir sobre o que se quer dizer quando se utiliza o verbete corporeidade, visto que "todos acreditam dizer e pensar a mesma realidade" (SANTIN, 2011 p.51). E qual o equívoco desse acreditar e desse pensar em uníssono? O problema se instaura a partir do momento em que acreditar e pensar na corporeidade nos leva ao princípio de uma prerrogativa da objetivação da racionalidade do conceito, o qual, para melhor ser entendido precisa entrar na lógica do método cartesiano, precisa ser esquadrihado, calculado, retirado do contexto para que se possa definir e descrever suas propriedades

² Música "Samba da Benção" de Vinicius de Moraes e Baden Powell

específicas na tentativa de normatizar tal conceito, de torná-lo claro, distinto e dicionarizado.

Na tentativa de inserir a corporeidade num outro contexto, que não os das buscas de significados, os filósofos Jean Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty "situam a corporeidade como a dimensão ontológica da situação do homem como ser no mundo" (SANTIN, 2011, p.52). Eles colocam a corporeidade como uma relação viva entre o sujeito e o objeto, num processo de imersão e contemplação do ser no mundo, esse ser que é vivo e que vive nas suas relações consigo mesmo, com o outro, com as coisas, com o mundo. Para Nóbrega (2010, p.88):

A corporeidade se configura na dinâmica dos processos orgânicos, da cultura, dos afetos e da história, criando uma linguagem sensível, em que não há a busca por uma correspondência pontual com as coisas, uma adequação, e sim uma expressão apenas aproximada, permitindo diferentes olhares.

A corporeidade permite viver o princípio da estesia. De acordo com Nóbrega (2010), a concepção racionalista, que priorizou a razão em relação ao corpo, fez com que o ser humano se esquecesse que a vida é um acontecimento que se encarna no corpo. Fontanella (1995) relata que o corpo teve que pagar caro para que a razão se tornasse rainha. Segundo Freire (1991) talvez até tenha sido preciso, para a sobrevivência da espécie humana, que o sensível/corporal se abdicasse voluntariamente de existir em favor do inteligível/razão.

Essa sobrevivência da espécie humana resultou, na contemporaneidade, uma diversidade de codinomes para o corpo: corpo outdoor, corpo modelo, corpo disciplinado, corpo moldado, corpo vigiado, corpo comercializado, corpo controlado, corpo virtual, corpo ideal, corpo ingênuo, corpo... corpo... corpo... O corpo foi se tornando coisa, objeto manipulável, caminhando para o que Le Breton (2003) chamou de um "Adeus ao Corpo", um corpo fadado a cair no esquecimento, se tornando obsoleto, um corpo a ser desenvolvido em máquina.

Tais possibilidades de corpo citadas acima reduziram a concepção do que seja o corpo na sua existência, esse corpo que é, vive e existe no mundo. Esse corpo que é ser-no-mundo (Merleau-Ponty, 1994) ou corpo ser-aberto-ao-mundo, nessa relação dialética entre ser humano e mundo (REZENDE, 1990). É o corpo próprio e o corpo sujeito que ambos os autores também nos trazem, significando o não mais dualismo

entre alma/mente e corpo, mas sim a concretude da nossa existência como seres humanos corporais na sua intencionalidade. Corpo é presença do ser no ser e no mundo.

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) é tido como um dos principais pensadores que fizeram emergir, na passagem da Idade Moderna para a Idade Contemporânea, os estudos sobre a corporeidade, por meio dos conceitos de corpo próprio, motricidade humana e os estudos da Fenomenologia. Por essa corrente filosófica os estudos da corporeidade constroem o seu arcabouço teórico para a união entre mente e corpo, se preocupando com os fenômenos humanos, o sentido da sua existência, do seu projeto de vida como ser social, histórico e cultural, mas sem reduzi-los em partes para depois juntá-las, sem a preocupação de se buscar um sentido pleno, sem ser guiada por um desejo final de se alcançar um resultado estabelecido por alguma relação de causalidade. A Fenomenologia não se preocupa com o fim, mas com a relação dialógica entre processo e projeto, entre natureza e cultura, entre necessidade e liberdade, numa compreensão do sentido do fenômeno. Ela não se preocupa em desvelar os fenômenos de uma forma linear, reducionista, unidimensional, mas polissêmica e simbólica, sem o objetivo de instituir certezas, proporcionando uma interpretação da existência do fenômeno enquanto percebido e vivido. Ela busca as essências na existência. Um estudo fenomenológico requer, diante dos nossos olhares, um desvelar das possibilidades de um fenômeno que não se dá a conhecer de imediato, mas que acontece substancialmente no mundo da vida (MOREIRA et al., 2006; NÓBREGA, 2005; REZENDE, 1990).

Entender a corporeidade como um fenômeno é se debruçar e gostar de viver toda a sua complexidade, não reduzindo-a ao simples e ao comum. Deixemos de lado essas várias concepções reducionistas de corpo e vivamos o corpo na sua totalidade não totalitária, na sua completa incompletude e na sua experiência de existir e viver, sem reduzi-lo a objeto, ultrapassando as relações de causalidade e linearidade, pois o meio para se conhecer o corpo é sendo-o.

A corporeidade deveria dar-nos uma ideia que reunisse a ação de cultivar e a de cultivar. Assim, pode-se dizer que a corporeidade é culto e cultivo do corpo. Não pode ser só cultivo porque pode dar a impressão do plantio de árvores, flores ou cereais, uma ação muito manual, mecânica, que acontecesse de forma externa. Não pode ser só culto porque pode significar que a corporeidade seja algo pronto, acabado e completo, que precisa ser venerado e contemplado. A corporeidade precisa ter a dignidade da ação sagrada e festiva e, ao

mesmo tempo, a cotidianidade do esforço e do trabalho criativo (SANTIN, 2011, p. 67).

Que esse culto e esse cultivo seja uma *ode* à corporeidade e que possamos ser corpos num mundo vivido³. O olhar para esse corpo nesse mundo faz com que o ser humano caminhe na busca constante para auto superar-se, sem o pensamento de que juntando as partes eu terei o todo, mas de que eu sou o todo por completo, que não nego o ato de pensar, nem o ato de sentir e que encontro vida, prazer, mistério, paixões e descobertas no ato de se relacionar.

A corporeidade carrega em si o vislumbamento de um corpo vivo, orgânico, sistêmico, se diferenciando do conceito reducionista e dando ênfase à multiplicidade dos saberes corporais (NÓBREGA, 2010). Para Najmanovich (2001) é com o corpo que conhecemos o que somos capazes de perceber e processar.

Para Zylberberg (2007, p.103) "a educação incorporou a concepção de saber descorporalizado", assim sendo, para construirmos uma concepção de Educação do saber corporalizado temos como possibilidade a compreensão de ser humano como corporeidade, tal perspectiva nos permite avançar de uma olhar não linear, permite novos olhares sobre o corpo, principalmente o corpo na Educação. Fazer com que os estudantes sintam, ajam, criem, pensem e realizem, aumenta as possibilidades de um aprendizado significativo, experienciado, incorporado, encarnado, que lhes permitam se descobrirem e se revelarem corpos-sujeitos-aprendentes, que lhes permitam viver a/em/na corporeidade.

Existe uma crônica sobre a corporeidade que reflete bem o que delas podemos imaginar o que dela podemos vislumbrar quando queremos uma Educação mais humana e vivida. A crônica, como o autor a chama, tem o título de "Corporeidade é!!!!!!!" e nos proporciona saborosas vontades de ser humano em corporeidade.

³ A expressão mundo vivido é uma tentativa de tradução da expressão alemã *Lebenswelt*, tema primeiro da Fenomenologia, que diz respeito ao mundo pré-reflexivo. O *Lebenswelt* ganha força com o entendimento sobre a questão da verdade, a partir da obra de Husserl – Investigações Lógicas. Nesta, a verdade não pode ser definida como adequação do pensamento ao objeto, não sendo definida a priori pelo sujeito e nem contemplada na pura exterioridade do objeto. A verdade é definida na evidência da experiência vivida. O vivido não é um sentimento, mas refere-se à percepção como modo original da consciência. "A verdade defini-se no devir, como revisão, correção e ultrapassagem de si mesma, efetuando-se tal operação dialética sempre no presente vivo" (LYOTARD, 1986, p.41) – (Nota do autor).

Hoje fui instado, academicamente, a falar sobre corporeidade. Vejam a contradição intrínseca a este fato: falar e pensar sobre corporeidade e não ser corporeidade. Se me fosse pedido para ser corporeidade, quase bastaria estar aqui na relação com vocês, neste tempo cronológico e neste espaço geográfico. Mas, é evidente que o tempo cronológico apenas não expõe a corporeidade, pois ela também é kairós, ou seja, tempo existencializado na cultura e na história.

Ao expressar o pensamento sobre o tema, poderia simplesmente dizer o que está grafado no título deste texto: Corporeidade é! Isto basta..., mas, tenho a certeza que receberia muitas críticas acadêmicas por pensamento tão sintético. Assim, dispus-me a realizar, em alguns momentos neste escrito, uma variação significativa de um texto já produzido (onde utilizei o poema Instantes de Borges ou outro), tal qual um intérprete de jazz: apresentar variações sobre um mesmo tema, esperando que isto seja feito com qualidade e atinja a sensibilidade dos leitores/ouvintes.

Corporeidade é voltar a viver novamente a vida, na perspectiva de um ser unitário e não dual, num mundo de valores existenciais e não apenas racionais, ou quando muito, simbólicos.

Corporeidade é voltar os sentidos para sentir a vida em: olhar o belo e respeitar o não tão belo; cheirar o odor agradável e batalhar para não haver podridão; escutar palavras de incentivo, carinho, de odes ao encontro, e ao mesmo tempo buscar silenciar, ou pelo menos não gritar, nos momentos de exacerbação da racionalidade e do confronto; tocar tudo com o cuidado e a maneira de como gostaria de ser tocado; saborear temperos bem preparados, discernindo seus componentes sem a preocupação de isolá-los, remetendo essa experiência a outros no sentido de tornar a vida mais saborosa e daí transformar sabor em saber.

Corporeidade é buscar transcendência, em todas as formas e possibilidades, quer individualmente quanto coletivamente. Ser mais, é sempre viver a corporeidade, é sempre ir ao encontro do outro, do mundo e de si mesmo.

Corporeidade é existencialidade na busca de compromissos com a cidadania, com a liberdade de pensar e agir, consciente dos limites desse pensar e desse agir.

Corporeidade é, novamente variando sobre o poema mencionado: andar mais descalço para o retorno ao respeito à natureza; nadar mais rios, procurando batalhar por águas límpidas e cristalinas; apreciar mais entardeceres, onde o horizonte não seja um buraco de ozônio ou esteja camuflado por nuvens de poluição; viajar mais leve, sem levar,

sempre, um guarda chuva, uma bolsa de água quente, uma galocha e um paraquedas; viver o dia a dia com menos medos imaginários.

Corporeidade é incorporar signos, símbolos, prazeres, necessidades, através de atos ousados ou através de recuos necessários sem achar que um nega o outro. É cativar e ser cativado por outros, pelas coisas, pelo mundo, numa relação dialógica.

Corporeidade é tema de discussões científicas, realizadas com radicalidade, com rigor e de forma contextualizada, mas sem separar o corpo em partes para depois juntar; sem manipular pessoas para depois desculpar; sem criar prosélitos para depois deixá-los a ver navios; sem transformar teorias em dogmas, pois enquanto aquelas são abertas e passíveis de reformulações, estes são sinônimos de regras imutáveis a serem seguidas, justificando tudo, às vezes até a ausência da corporeidade.

Corporeidade é sinal de presentidade no mundo. É o sopro que virou verbo e encarnou-se. É a presença concreta da vida, fazendo história e cultura e ao mesmo tempo sendo modificada por essa história e essa cultura.

Corporeidade sou eu. Corporeidade é você. Corporeidade somos nós, seres humanos carentes, por isso mesmo dotados de movimento para a superação de nossas carências. Corporeidade somos nós na íntima relação com o mundo, pois um seu o outro são inconcebíveis. Para os que estão pensando que corporeidade é Bom-Bril, ou seja, tem 1001 utilidades, lamento dizer que estão errados, pois corporeidade não é algo que me aproprio com um fim utilitário. Quando penso na idéia de apropriação, já destinei o corpo a uma posição de submissão ao espírito ou à mente. Aí, já diziam pensadores como Marx e Nietzsche: a soma das partes não dá o todo.

Corporeidade não é tema que vai salvar o mundo. No entanto, corporeidade é existencialidade viva, e a vida preserva e se nutre da relação com o meio ambiente.

Corporeidade é o ser vivente exercitando sua motricidade. Corporeidade não é um conceito, é um estilo de vida na busca da superação.

Enfim, CORPOREIDADE É!!!!!!! (MOREIRA, 2012, p.144-146).

E é sendo corporeidade que carregamos a utopia⁴ de ver uma Educação que tenha na sua raiz os princípios da corporeidade como base para todo seu desenvolvimento educacional, na elaboração ou renovação do projeto político pedagógico, no currículo, nas relações entre professores, estudantes, funcionários, família e sociedade, nos espaços formativos da escola ou da universidade, que o processo de ensino aprendizagem se coloque diante desta possibilidade e assim possamos trilhar caminhos mais floridos para uma vida educativa mais humana no humano.

A Educação precisa olhar para o horizonte, sendo capaz de enxergar um corpo sensível e possível, dentro de um aprender que passe e escreva no corpo as marcas de um ser vívido. Uma Educação não apenas de conheceres, mas de saberes, sabores e de amplo prazer de degustação. O nosso entendimento de mundo está primeiro no corpo, ele sente para depois pensar sobre o que sentiu. É o saber sensível, primeiro de todos os saberes, que funda todos os demais, mas que foi e ainda é renegado no âmbito da aprendizagem.

A educação do sensível, por conseguinte, significa muito mais que o simples treino dos sentidos humanos para um maior deleite face às qualidades do mundo. Consiste, também e principalmente, no estabelecimento de bases mais amplas e robustas para a criação de saberes abrangentes e organicamente integrados, que se estendam desde a vida cotidiana até os sofisticados laboratórios de pesquisas... Educar primordialmente a sensibilidade constitui algo próximo a uma revolução nas atuais condições do ensino, mas é preciso tentar e forçar sua passagem através das brechas existentes, que são estreitas, mas podem permitir alargamentos (DUARTE JR., 2010b, p.204 e 205).

A nossa sabedoria primeira está no corpo, ele sente para depois pensar sobre o que sentiu, é um saber sensível primeiro de todos os saberes, um saber que funda todos os demais, mas que foi e ainda é renegado como um saber indigno de conhecimento de mundo, assim, uma Educação que siga pelo viés do saber sensível deve ter seus olhos para um saber que se insere no corpo (DUARTE JR., 2010b). A Educação navega ao contrário do que navega um marinheiro. Ele, ao se deparar com um grande iceberg em alto mar, entende que para seguir seu caminho é tão importante saber que existe uma

⁴ Sobre a utopia caminhamos com as palavras de Fernando Birri citado por Eduardo Galeno numa entrevista concedida para um programa da televisão espanhola: "A utopia está no horizonte. Eu sei muito bem que nunca a alcançarei, que se eu ando dez passos, ela se distanciará dez passos. Quanto mais a procure, menos a encontrarei, porque ela vai se distanciando quanto mais me aproximo. Pois a utopia serve para isso: para caminhar" (<https://www.youtube.com/watch?v=ICSnSAyJABY>).

ponta visível, quanto saber que submerso se encontra uma imensidão de gelo invisível. A Educação só enxerga a ponta visível do iceberg, a ponta que revela o saber já escancarado, aquele racionalizado, inteligível, delimitado, a parte submersa do mar do conhecimento ela não consegue, não quer ou não se propõe a enxergar e vê-la como importante para que o barco não afunde.

Incorporar estesia ao corpo nos ajuda a compreender como seres no mundo, como seres que são corporais em sua essência. Essa capacidade de sentir o mundo é o que não podemos perder. Perdendo a nossa sensibilidade diante dos casos e dos acasos, estamos nos perdendo e nos direcionando ao abismo do que realmente somos: humanos. É necessário sentirmos a realidade e estarmos entregue de corpo inteiro a ela. Sentir a vida antes mesmo de nela pensar. Deixemos a anestesia apenas para as operações médicas. Não caminhemos para nos tornarmos desumanos e distantes das nossas singularidades. Tenhamos o princípio da estesia como o princípio fundante do nosso processo vital e a estética não apenas como sinônimo de beleza, mas de convívio entre nós e o que sentimos em relação a si, ao outro e ao mundo. Que o ser humano possa ser reconhecido, por ser um ser estético, e não um ser mecânico.

Inserir nesse escrito a relação entre corporeidade e saber sensível tem o objetivo de vislumbrar uma Educação que também possa estesiarse, entendendo que antes mesmo de ter um corpo, nós somos um corpo, que antes de pensar e de criar conhecimentos científicos acerca dele nós o vivenciamos na experiência de ser corpo. Moreira (1994) nos traz a denominação de “corpo pensado” para nos questionarmos sobre as concepções baseadas na razão, no intelecto, no abstrato, no ser sem sujeito, no corpo objeto ou no "corpo do homem sem o humano" (MOREIRA, 1994, p.194). Esse corpo pensado que se tem, que se conhece, mas que não somos e não sabemos quem ele é, que não vive as paixões, que não vive as experiências corporais e que não vive o prazer de viver a vida e o agora. Onde ele está? Esse corpo que se preocupa em viver pelo certo, pelo seguro, pelo produtivo, pelo necessário, pelo sensato, pelo confortável e pelo confortável. Onde ele está? Para preocupação nossa esse corpo se encontra esquadrihado nos processos educativos que tem a racionalidade como meio e fim do caminhar formativo do ser humano. O corpo deve sair da sua zona de conforto e se sentir forte mesmo assim, se aventurar pelo incerto e ter chance de viver outros caminhos que não seja aquele mesmo traçado para um determinado fim, viver o desnecessário, o ócio e a contemplação, não se acomodar com o que incomoda. A

Educação deve oportunizar um sab(or)er sensível vivo em corporeidade, vislumbrando um aprender que passa e escreve no corpo marcas de um ser que habita e vive o/no mundo. Uma Educação não apenas de saberes, mas de sabores: uma Educação do sensível.

Ao considerarmos que a corporeidade e o saber sensível caminham juntos, dizemos que o ser na corporeidade é um ser que volta a sua atenção para esse saber que emana do corpo, que é o primeiro de todos os saberes e que não pode ser negligenciado. Nosso grande percalço foi o processo educativo ter se emaranhado nas proposições da Ciência para incorporar essa dicotomização entre o saber sensível e o conhecimento inteligível, dando mais privilégios a esse segundo no processo de ensino aprendizagem (NÓBREGA, 2010). De certo, no caminho da filosofia ocidental, há uma compreensão de que o sensível é aquele que se opõe ao racional, mas tal dualismo foi superado, na filosofia contemporânea, pelos pensamentos de Nietzsche e Merleau-Ponty (TIBÚRCIO, 2005). E é essa superação que permite uma Educação do sensível pautada na comunicação dos sentidos, das vivências corporais do ser com ele mesmo, com o outro, com o mundo, criando novas possibilidades de aprendizagem, que enalteçam um olhar para um ser humano que saiba viver em suas dualidades, possível e aberto para o ato de existir, experienciar e viver, pois o corpo:

Para aprender é necessário deixar-se seduzir, mexer-se, desbravar paisagens desconhecidas, que abrigam sinuosidades e acidentes geográficos multiformes (...) experimentar a si mesmo, que descarta o hábito, que se expõe, que se abre ao outro, ao mundo, à criação, à descoberta, dilatando-se rumo à possibilidade infinita de aprender, revela-se como um desafio ao apontar para uma educação que estamos denominando de sensível, pautada no cultivo de um estado de sensibilidade vibrante, que nos disponibiliza para a multiplicidade de sentidos, alargando as nossas compreensões de mundo (TIBÚRCIO, 2005, P. 124).

Neste ato de aprender vislumbramos uma experiência profundamente humana na Educação, existindo enquanto ser vivo em corporeidade, numa integração com o saber sensível, exigindo uma aprendizagem significativa. Tal aprendizagem significativa foge dos padrões disciplinadores, formalizadores e quantificadores que nos causaram cegueiras, fechando nossos olhos e nos ignorando enquanto seres em existência. A Educação para a existência humana com olhos para uma corporeidade

aprendente surge como possibilidade de reencantarmos a Educação, como já propusera Assmann (2012).

Damos alguns passos para caminharmos por ato educativo que encante por ser complexo, no sentido de tecer juntos os fios da aprendizagem, se relacionando muito bem as com as dualidades, sendo uno e múltiplo, certo e incerto, sensível e inteligível, corpo e alma. Nos preocupamos em traçar um percurso pelas vias de um processo educacional emancipatório, que permita, pela corporeidade e pelo saber sensível, momentos saborosos de aprendizagem e nos faça sentir que é gostoso estar na escola, que não se preocupe em obter respostas, a buscar certezas e clarezas, mas que possibilite ao ser humano viver existindo.

Referências

ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DUARTE JR., J. F. **A montanha e o videogame**: escritos sobre educação. Campinas, SP: Papirus Editora, 2010.

_____. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 5ª Ed. Curitiba: Criar Edições, 2010b.

FONTANELLA, F. C. **O corpo no limiar da subjetividade**. Piracicaba: Editora da UNIMEP, 1995.

FREIRE, J. B. **De corpo e alma**: o discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991.

LE BRETON, D. Adeus ao corpo. In: NOVAES, A. (Org.). **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia da Letras, 2003, p. 123 – 138.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOREIRA, W. W. O fenômeno da corporeidade: corpo pensado e corpo vivido. In: DANTAS, E. H. M (org.). **Pensando o Corpo e o Movimento**. Rio de Janeiro: Shape Editora, 1994

MOREIRA, W.W. et al. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Século XXI**: a era do corpo ativo. Campinas, SP: Papirus, 2006, p. 137-154.

MOREIRA, W. W. Formação Profissional em Ciência do Esporte: Homo Sportivus e Humanismo. In: BENTO, J. O.; MOREIRA, W. W. **Homo sportivus**: o humano no homem. Belo Horizonte, MG: Instituto Casa da Educação Física, 2012, p. 113–180.

NAJMANOVICH, D. **O sujeito encarnado**: questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e Educação Física**: do Corpo-objeto ao Corpo-sujeito. Natal: EDUFRN, 2005.

_____. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

REZENDE, A. M. de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

SANTIN, S. Perspectiva na visão da corporeidade. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação física & esporte**: perspectivas para o século XXI. 17. ed. Campinas: Papirus, 2011, p. 51-69.

TIBÚRCIO, L. K. de O. M. **A poética do corpo no mito e na Dança Butô**: por uma educação sensível. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: 2005.

ZYLBERBERG, T. P. **Possibilidades corporais como expressão da inteligência humana no processo de ensino-aprendizagem**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas: 2007.